



O AMOR COMO FUNDAMENTO ÉTICO-MORAL E SOCIAL EM SANTO AGOSTINHO

Love as an ethical-moral and social foundation in Saint Augustine

Michel Platinir Silva Damasceno*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0529683654296908>

Eduardo Ferreira Chagas**

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2479899457642563>

 <https://doi.org/10.58882/clq.v8i1.156>

RESUMO: A presente pesquisa tem como propósito investigar o conceito de amor em Santo Agostinho, e como esse amor se desvelará como o fundamento ético-social na constituição da sociedade. Identificando que a análise sobre o conceito de amor perpassa a investigação pormenorizada sobre outros conceitos, como ordem, caritas, moralidade e mal, optamos por dividir o presente artigo em três partes principais. Em primeiro lugar iremos apresentar a biografia do autor, contemplando as suas paixões até o seu episcopado, buscando apontar de que modo a vida do Doutor de Hipona foi determinante para a sua construção filosófica. Posteriormente evidenciaremos como a ética aparece como o fundamento social em sua filosofia, principalmente a partir do conceito de amor, de ordem e da relação entre homem-Deus e homem-homem.

Palavras-chave: Agostinho; Amor; Sociedade; Ordem; Paz.

ABSTRACT: The present research will discuss how the concept of love is unveiled as an ethical foundation for the constitution of society in St. Augustine. Identifying that the analysis of the concept of love pervades the detailed investigation of other concepts such as order, uti-fruti, caritas, morality and evil, we have chosen to divide the present monographic text into three main parts. In the first place we will present the biography of the author, contemplating of his passions until his episcopate, trying to point out how the life of the author was determinant for its philosophical construction. Subsequently we will show how ethics appears as the social foundation in its philosophy, mainly from the concept of love, order and the relationship between man-God and man-man.

Keywords: Augustine; Love; Society; Order; Peace.

* Mestrado em Filosofia pela Universidade federal do Ceará; Licenciado em pedagogia; Licenciado em filosofia; Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF); Pós graduado em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF); Graduado em Teologia pela Universidade Inta de Sobral (UINTA).

** Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (1989), mestrado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (1993) e doutorado em Filosofia pela Universität Kassel (2002).

INTRODUÇÃO

Sem dúvidas, vivemos em uma sociedade carente de sentido e de horizonte. Por isso sofremos as consequências mais terríveis, nas mais diversas dimensões da vida humana. É dialogando com este problemático contexto que, a partir do pensamento de Santo Agostinho, é possível explicitar uma crítica à contemporaneidade, pois a partir de sua filosofia se deduz que essa falta de sentido advém de uma sociedade que eliminou os princípios e os fins absolutos, tudo reduzindo ao conhecimento empírico, testável, deixando de lado os referenciais necessários à conduta humana. Assim, o conceito de amor em Santo Agostinho se apresenta como um sinal de distinção e o fundamento da moralidade, tanto individual como social, tendo como meta a busca da felicidade humana.

O amor gera paz entre os homens o que, num plano social, fundamenta a base de uma sociedade justa. Todavia, o segredo não é só amar: para Agostinho existe uma ordem social que é a extensão da ordem moral interior. Sendo assim, podemos afirmar que a organização dos homens na sociedade fundamentada no amor não tem outra finalidade senão garantir a paz e a felicidade temporal dos homens, com vistas à paz eterna e a verdadeira felicidade. Não podemos falar de comunhão entre os seres humanos se não passarmos pelo amor. Para Agostinho, este sentimento está na própria natureza humana, é um apetite natural, pressuposto pela vontade livre que deve ser iluminada pela luz natural da razão, que o orienta para Deus. Com efeito, o amor é uma atividade decorrente do próprio ser humano.

É como se fosse um desejo que traz inquietude ao homem, fazendo-o buscar tudo aquilo que é distinto dele mesmo, tendo como fim último torná-lo feliz. Todavia, o problema não diz respeito ao amor como tal, nem mesmo a necessidade de amar, mas unicamente a escolha do objeto a ser amado, ao valor e a intensidade que se dá ao objeto que desperta tal sentimento, pois em si ele é um bem. Logo, para o Santo de Hipona existe uma ordem dos seres, e o amor é o parâmetro na hierarquia dos valores das coisas a serem amadas. Nesta hierarquia das coisas a serem amadas, Deus aparece em primeiro lugar, pois a ele deve-se amar completamente.

Para o Doutor de Hipona, a força maior interior é o amor, expresso no duplo preceito da caridade: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Assim, o amor é algo fundamental para o homem na perspectiva agostiniana, tanto para seu fruir individual como para seu desenvolvimento social com o próximo.

1. A VIDA, O CONTEXTO E AS INFLUÊNCIAS DE AGOSTINHO

A vida de Santo Agostinho nos levará ao entendimento de toda sua filosofia ética-moral na cidade terrena. Por meio de seus escritos, livros e cartas, podemos nos aprofundar na história desse grande pensador da filosofia ocidental. Outra fonte importante de conhecimentos sobre o Bispo de Hipona, uma de suas primeiras biografias, foi escrita por um amigo e pensador chamado Possídio, um Bispo com quem Agostinho conviveu no período em que viveu no mosteiro em Tagaste. Sobre o filósofo medieval sabemos que Aurélio Augustinus nasceu em Tagaste, província romana da Numídia, na África (hoje chamada de Souk-Ahrás, na atual Argélia, norte da África), em 13 de novembro de 354. Nas palavras de Pinckaers, “Nessa época o imperador era Constantino II (337-361), cujo reinado procedeu ao de Juliano a Apostata (361- 363)” (PINCKAERS, 2013, p. 17).

Ele era filho de Patrício, pagão, talvez descendente de um antigo legionário romano, de acesa sensualidade, e de Mônica, mulher de fervoroso espírito cristão, e que veio posteriormente a ser canonizada pela Igreja Católica. Com efeito, a vida de Agostinho foi marcada por uma forte tensão entre essa dupla herança de temperamentos paterno e materno. Sua família, assim como as demais do seu tempo, era mista: “seu Pai Patrício era africano romanizado, era um curialis, ou seja, conselheiro municipal do ordo splendissimus de Tagaste. Era um pagão de caráter duro e difícil” (MONTAGNA, 2009, p. 28). Do outro lado podemos ver sua mãe Monica, uma mulher cristã, devota e piedosa, que teve um papel importantíssimo na vida do doutor da Graça,

O ambiente familiar é de suma importância para a formação intelectual e psicológica do indivíduo, na qual os pais atuam diretamente. Santo Agostinho vivia em um lar, onde era altamente influenciado por seus pais, principalmente por sua mãe Mônica, pois esta exercia papel fundamental na sua formação” (AMARAL; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 3).

A partir daí, já podemos ver a complexidade do problema familiar vivido por Agostinho. Ademais, é sabido que o ambiente do Estado, da Família, da cultura e as tradições exercem papel fundamental na formação de qualquer cidadão. Sobre a sua formação, em Tagaste o filósofo realizou os anos iniciais de estudos e, logo depois, foi para Cartago, em busca de obter uma formação superior. Todavia, a língua grega não trazia aspiração a Agostinho e em razão disso não era considerado um bom aluno, pois tinha preferência pela língua materna. Nesse sentido, a formação de Agostinho se deu totalmente através da língua latina, tendo

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

como base também os autores que escreviam neste idioma. Nas palavras de Servais Pinckaers:

A cultura recebida por Agostinho é essencialmente literária e latina. Ele conhece pouco o Grego, e para utilizar as obras gregas, pagãs ou cristãs tem que recorrer às traduções em latim ou as suas adaptações. Desse modo ele é forçado, tanto em filosofia como em teologia, a recorrer à improvisação do autodidatismo, à originalidade, à criação segundo seu próprio gênio. Seus estudos são compostos de gramática e dos clássicos: Virgílio de Cor, os historiadores Salústio... os oradores, principalmente Cícero (PINCKAERS, 2013, p. 17).

O biógrafo ainda destaca os seguintes importantes fatos sobre a vida do bispo de Hipona: “em 371 d.C, Agostinho perdeu seu pai, Patrício. Ele mantém um relacionamento com uma concubina, a quem será fiel até a separação, e que no ano seguinte lhe dá um filho chamado Adeodato” (PINCKAERS, 2013, p. 17). No ano de 372, com aproximadamente 18 anos, Agostinho se encontra com a obra de Cícero intitulada Hortensios, que lhe abre a mente para a filosofia e provoca nele o desejo de encontrar a verdade. Todavia, há um contexto paradoxal nos primeiros momentos de formação do hiponense: por um momento ele se aproxima das Escrituras devido a sua mãe Monica, mas logo se afasta dos Escritos Sagrados por ver neles algo muito inferior ao pensamento de Cícero. Como ele dirá mais tarde, neste período era ainda muito orgulhoso para apreciar a Escritura, que se revela apenas aos humildes.

Sobre os seus primeiros anos de vida e sua juventude, nas Confissões Santo Agostinho destaca como ele procurou a Deus, no primeiro momento do seu trajeto de vida. Nesta obra, conforme vai narrando sua vida, relata também diversas etapas que passou, tanto no seu desenvolvimento natural como no âmbito mental e moral. Nos primeiros livros de suas Confissões, Agostinho recorda seus pecados na infância e na juventude, seu desinteresse pelos estudos, sua proximidade dos jogos e do teatro e seus amores sensuais. “Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores” (AGOSTINHO, 2015, p. 83). Sobre sua juventude, ele ainda afirma: “Na adolescência, afastei-me de Vós, andei errante meu Deus, muito desviado do vosso apoio, tornando-me para mim mesmo uma região de fome” (AGOSTINHO, 2015, p. 63).

A partir destas afirmações, podemos perceber que o mestre de Hipona, em sua vida de carnalidade, tinha como maior desejo saciar as suas paixões; estas faziam com que sua alma fosse ilusoriamente preenchida pelos seus desejos carnis. “Durante esse período de

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

nove anos, desde os dezenove até aos vinte e oito, cercado de muitas paixões, era seduzido e seduzia, era enganado e enganava” (AGOSTINHO, 2015. p. 83). Depois desse período de confusão e pecado, aos dezenove anos abraçou provisoriamente a corrente filosófica-religiosa do Maniqueísmo. Nesta doutrina, os maniqueístas se gabavam de ensinar aos demais uma explicação puramente racional do mundo, de justificar a existência do mal e de, finalmente, conduzir seus discípulos à fé unicamente por meio da razão.

Com tais predicativos, Agostinho acreditou por alguns anos que essa era a sabedoria que ele tanto cobiçava. Foi, portanto, como maniqueísta e inimigo do cristianismo, que voltou para ensinar letras em Tagaste e, em seguida, em Cartago. “O maniqueísmo foi fundado por Mani no Século III e ainda no Século V e, a exemplo de Agostinho, houve pessoas nele interessadas, seja para atacá-los ou para defender seus ensinamentos” (SILVA, 2008, p. 40). Entretanto, essa doutrina herética apresenta um vivo racionalismo marcado pelo materialismo e por um dualismo radical na concepção do bem e do mal, entendidos não apenas como princípios morais, mas também como princípios ontológicos e cósmicos. Nas palavras de Silva:

Com efeito, a questão do mal permeia todo o misticismo maniqueu, tanto é que o maniqueísmo acaba por apresentar uma cosmologia soteriológica, de modo que o homem carece de salvação do mal que se encontra presente em toda matéria, inclusive em sua própria (2008, p. 40).

Desse modo, o mal que se encontra na matéria seria um princípio que se encontra em oposição ao imaterial, ou seja, com o bem. Ivan de Oliveira Silva, citando Costa, registra o seguinte,

Quanto ao poder duas coisas merecem destaque: primeiro, quanto ao poder, por terem princípios idênticos e independentes, cada um tem idêntica potência. Assim, por exemplo, ambos têm poder de criar, ou melhor de emanar, e na luta cósmica medem força em pé de igualdade. Em relação ao valor os maniqueus afirmam que a luz, ou o bem, é superior às trevas, o mal, por suas qualidades intrínsecas de bondade, beleza e inteligência (2008, p. 41).

Nessa perspectiva, o bem e o mal se encontram independentes, com o mesmo poder. Toda matéria considerada como má nos leva ao entendimento de que a alma humana é a parte mais elevada e espiritual, estando presa ao corpo, que é a parte material inferior; nesses termos, a libertação verdadeira da alma seria libertar-se do corpo que aprisiona a parte boa do homem. Tentando responder à estas questões que tanto afligiam Agostinho, por al-

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

gum tempo esta seita deu a ele um conhecimento “total” daquilo que procurava, saciando provisoriamente sua sede de verdade e respondendo ao problema do mal, que tanto lhe torturava. Também lhe importava, por conta do seu orgulho, pertencer à elite daqueles que conhecem acima daqueles que possuem apenas a fé.

A proposta maniqueísta acerca do problema do mal eximia os homens de sua própria responsabilidade, atribuindo-a a um princípio exterior. Também por conta disso, Agostinho ainda continuava com muitas dúvidas acerca do mal e, por conta da persistência destas questões sem resposta, procurou saciar nessa seita suas indagações com seus demais companheiros, que jamais conseguiam explicar suas perguntas filosóficas. Nessa busca, os seus irmãos de seita falaram a ele que existia um homem chamado Fausto, um bispo maniqueu que certamente iria responder todos seus questionamentos. A fim de compreender estas questões tão profundas, a partir daquele momento o Hiponense esperou ansioso por aquele encontro que iria saciar todas as suas perturbações filosóficas e espirituais.

Todavia, o encontro com Fausto de Mileve não foi da forma que Agostinho esperava, já que ele não respondeu nenhum questionamento feito pelo Doutor da Graça. Foi depois dessa decepção que ele começou a se desligar do Maniqueísmo. “Em 383 ele vai para Roma, contra a vontade de sua Mãe Monica, ali ficando um ano. Em 384 solicita e obtém o cargo de retorico em Milão, junto à corte imperial” (PINCKAERS, 2013, p. 20). Foi em Milão que ocorreu o encontro de Agostinho com Santo Ambrósio. Segundo Joel Gracioso: “Em Milão Agostinho conhece outra corrente filosófica o Neoplatonismo, ao mesmo tempo em que ouvia paralelamente os sermões de Santo Ambrósio, nos quais percebia um cristianismo mais elaborado do que aquele conhecido até então” (GRACIOSO, 2010, p. 25).

Em 386, sob influência de sua mãe Monica, separa-se de sua concubina e entra em um projeto de casamento condizente com sua situação social. Ainda em junho desse mesmo ano, Agostinho se dedica a leitura dos livros platônicos e neoplatônicos, que terão uma grande influência sobre ele. Assim, diferentemente do maniqueísmo, que lhe lançava para fora de si, sempre atrás de respostas, o neoplatonismo de Plotino lhe lançava cada vez mais para dentro, num mergulho para as profundezas do seu ser. Essa proposta filosófica lhe apontou a importância de se investigar o homem interior, dando a Agostinho um novo referencial que o ajudará a superar o materialismo.

O contato com a tradição Platônica foi essencial para a conversão de sua mente e para o conhecimento de uma nova metafísica, ou seja, de uma forma diferente de se conceber o Ser, modificando sua nova maneira de conceber Deus e permitindo entender a existência do mal no mundo de outra forma, o

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

mal passa a ser visto como privação, corrupção de um bem, tendo como origem uma causa deficiente, isto é, a corrupção de um bem dado por Deus aos homens, o livre Arbítrio (GRACIOSO, 2010, p. 25).

O contato com a filosofia platônica foi de importância sumária para o desenrolar da história do doutor de Hipona, pois através do encontro com essa corrente filosófica que ele se aproximou da sua conversão. “Depois disso, em 386, Agostinho pede demissão do cargo de retórico a pretexto de uma doença no peito; ele renuncia às ambições humanas ao que ele chama de ‘feira da bisbilhotice’, para ficar disponível para Deus” (PINCKAERS, 2013. p. 20). É importante destacar que 386 foi um ano de metamorfose na vida do Homem de Hipona: neste período começou a história de diálogos e de escritos que posteriormente iriam marcar o Ocidente.

Um de seus amigos Verecundo, colocou a sua disposição sua casa de campo, num lugar chamado Cassiciaco, perto de Milão, para onde se retirou com os amigos africanos: Alípio, Licencio, Trigécio, filhos de Romaniano, seus dois filhos primos Rústicos e Lastidiano, seu irmão Návigio seu filho Adeodato e sua mãe Mônica para se dedicarem aos estudos e à leitura bíblica, ali iriam se preparar para o batismo, sob a orientação de Santo Ambrósio. Foi parte desse retiro que nasceram as suas primeiras obras: *Contra Acadêmicos* (386), *De Beata Vita* (386), *de Ordine* (386), e *Soliloquio* (387) (MONTAGNA, 2009, p. 54).

O Doutor da Graça foi batizado em Milão, no dia 25 de abril de 387, pelo Bispo Ambrósio. A vida de Agostinho, bem como seus acontecimentos, nos remete diretamente a um caminho radical de conversão. Sobre este acontecimento basilar, diz Montagna:

Em 387, Agostinho, seu amigo Alípio, e seu filho Adeodato voltaram a Milão para receberem o batismo. E, no sábado [...] (25 de Abril) de 387, foram batizados pelo bispo Ambrósio. Não sabia Ambrósio que daquela pia batismal, nascia um dos maiores gênios cristãos da razão e da fé: “quando chegou o momento em que devia dar o meu nome para o batismo, deixando o campo, voltamos para Milão...fomos batizados, e desapareceu qualquer preocupação quanto a vida passada (MONTAGNA, 2008, p. 85).

Em janeiro de 391, Aurelius Agostinho deixa de chamar-se apenas Agostinho e passa agora a ser conhecido como Bispo Agostinho de Hipona. Nesse mesmo ano ele assumiu o sacerdócio, sendo ordenado por Valerius, bispo de Hipona. Entretanto, em 396, com o falecimento de Valerius, Agostinho o sucedeu como bispo titular na sé de Hipona. Agostinho morreu em 430, mas seu nome permanece gravado no rol acadêmico como um dos mais brilhantes filósofo e teólogo de todos os tempos. De acordo com Hannah Arendt:

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

Na Itália, em França, na Alemanha, as revistas católicas testemunham-no e manifestações comemoram sua memória. Eruditos e estudiosos discutem sobre o significado de sua obra, da sua pessoa a de sua influência. Todavia no protestantismo ele é a maior parte das vezes esquecido; os católicos açambarcaram-no proclamando Santo Agostinho, aos protestantes parece repugnar-se tê-lo em conta por si próprio. Da Idade Média até Lutero, o nome de santo Agostinho era autoridade tanto para ortodoxos como para hereges, tanto para os reformadores como para os paladinos da contra reforma (ARENDE, 1929, p. 173).

2. FUNDAMENTOS DA ÉTICA AGOSTINIANA: O PRIMADO DO AMOR

A ética agostiniana é uma ética do amor, da caritas. Caritas é uma palavra que provém do latim, que nos remete ao significado de caridade. Diante disso, pode-se dizer que “caridade é o amor para os cristãos, que move a vontade à busca efetiva do bem do outrem e procura se identificar com o amor de Deus, Ágape, amor-caridade” (MONTAGNA, 2009, p. 63). Para o Hiponense, o que origina a moralidade é o sentimento de amor que tem como verdadeira finalidade a caritas. Nesse sentido, a força orientadora é a vontade, que culmina com a liberdade, tendo como consumação a ordem da caridade. Só a liberdade que é usada através da vontade para fazer o bem em prol do outro pode ser considerada a verdadeira liberdade; nessa contextura, a vontade se desvela como o primado para alcançá-la. Com efeito, para Santo Agostinho não há ordem sem esse mergulho ético. O que deve ser amado? Eis a questão agostiniana. O problema moral não é o que se tem que amar, mais o que amar.

O amor é uma atividade própria do ser humano, sendo o mesmo uma tendência natural para um certo bem. Percebe-se que é no fundo do coração humano que se encontra a raiz do amor e é dela que irá proceder o bem, o que resulta na máxima agostiniana: “Ama e faze o que quiseres” (ALMEIDA, 2014, p. 3).

Como separar o homem do seu amor? Nas palavras de Montagna: “se há um problema, este não diz respeito ao amor como tal, nem a necessidade de amar, mas unicamente à do objeto a ser amado, ou melhor, ao valor ou a intensidade que se dá ao objeto amado, pois, em si, o objeto é um bem” (MONTAGNA, 2009, p. 66). Ou seja, o problema não é o que vou amar, pois isso faz parte da interioridade humana, estando na raiz do meu coração, mas o que escolhemos amar, ou ainda qual o grau de intensidade no ato de amar esse objeto, considerando se esse amor está acima do bem maior, que é Deus. “O problema da liberdade é o da reta escolha das coisas amadas, da intensidade ou medida em que se amam as

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

coisas, isto é, da reta ordem do amor” (MONTAGNA, 2009, p. 66). Sobre esta problemática, Agostinho afirma que:

Vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem as estima exatamente mantém amor ordenado. Dessa maneira, não ama o que não é digno de amor, nem deixa de amar o que merece ser amado. Nem dá primazia no amor àquilo que deve ser menos amado, nem com igual intensidade o que se deve amar menos ou mais o que convém amar de forma idêntica (2002, p. 27).

Dentro do princípio da ordem dos seres, o amor é o parâmetro na hierarquia dos valores das coisas a serem amadas. Montagna, citando o doutor de Hipona na sua obra Cidade de Deus, destaca que “o amor, que faz com a gente ame bem o que deve amar, deve ser amado também com ordem; assim, existirá em nós a virtude que traz consigo o bem viver” (MONTAGNA, 2009, p. 67). Devemos entender que para o Santo Hiponense o amor dever ser a centralidade do homem, tanto em relação com o próximo quanto em direção a Deus. A partir daí, podemos concluir que Deus ocupa o primeiro lugar dentro da hierarquia das coisas a serem amadas: “O Criador, se é verdadeiramente amado, isto é, se é amado Ele e não outra coisa em seu lugar” (MONTAGNA, 2009, p. 67). É aqui que, segundo Agostinho, se encontra o verdadeiro amor. É esse sentimento que torna o ser humano uma pessoa reta e feliz, como nos diz Costa,

A moralidade Agostiniana tem um fim último a ser alcançada, que é a ordem divina, essa ordem é o parâmetro de conduta frente à vida humana, com seus valores. Assim o fim da moralidade é a reta manutenção da ordem, que se identifica com a “vontade divina”, ao passo que o mal (desordem) consiste na transgressão culposa dessa ordem (2009, p. 28).

O oposto desse pensamento agostiniano é o pecado, que nada mais é do que a desobediência às leis divinas, o afastamento do Sumo Bem, que é Deus. “Portanto, se a perfeição moral consiste em amar a Deus, em dirigir a vontade a Deus e em pôr todas as potências, os sentidos, por exemplo, em harmonia com aquela direção, o mal consistirá em afastar-se da vontade divina” (MONTAGNA, 2009, p. 67). O homem, nesse sentido, é o autor do mal moral. Por isso, pode-se aferir que Deus não é o autor do mal, pois ele simplesmente é uma defecção, a ausência do bem. Neste ponto podemos perceber algo de suma importância na teoria de Santo Agostinho: nela, o mal sai de uma esfera metafísica e adentra também no âmbito moral, ou seja, o mal penetra no homem através do livre arbítrio de sua vontade.

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

O mal moral é uma insuficiência da vontade, uma escolha corrupta. Diante disso, uma pergunta se impõe: o que o homem deve fazer para se livrar desse fim? “Alcançar a Deus, conhecer e amar a verdade é a única felicidade que pode satisfazer o espírito humano; toda satisfação nos bens terrenos, imperfeitos e caducos, está destinada a desiludir amargamente a aspiração inata do homem” (MONTAGNA, 2009, p. 67). Com efeito, o problema não está nas coisas temporais que em si são boas, pois são criações de Deus, mais o mau uso que o ser humano faz delas. O problema está no indivíduo que se utiliza de sua liberdade invertendo a ordem estabelecida por Deus. Sendo assim, o homem costumeiramente prefere amar mais as coisas criadas pelo Criador, inclusive ele mesmo, do que o próprio Criador de todas as coisas.

E para que nossa escolha seja considerada boa ou má, Agostinho insiste no princípio axiomático de que toda natureza (incluem os bens materiais) é boa, visto que todas as coisas foram criadas por Deus: nenhuma natureza, absolutamente falando, é um mal. O problema é quanto ao valor ou a intensidade do amor que a vontade humana atribui às coisas criadas (COSTA, 2009, p. 29).

Toda a moralidade agostiniana terá como força maior a ideia do amor, que é vista como a medida e o peso da vontade humana: “As tendências dos pesos são como que os amores dos corpos, quer busquem, por seu peso, descer, quer busquem, por sua leveza, subir, pois, como o ânimo é levado pelo amor aonde quer que vá, assim também o corpo é por seu peso” (ALMEIDA, 2014, p. 58). O tema central da moral da qual somos guiados é o amor pelo bem supremo: a caridade. Nesses termos, ela pode ser vista como um peso interior capaz de conduzir a alma em direção a Deus: “Meu peso é o amor; por ele sou levado para onde sou levado” (AGOSTINHO, 2006, p. 189). A caridade deve ser entendida como o amor pelo qual se ama o que se deve amar.

Sendo ela o amor, deve se assemelhar a um dos pesos que levam à vontade em direção ao seu objeto. Ela é análoga aos pesos que conduzem os corpos naturais para o seu lugar de repouso, já que é o amor divino que irá direcionar os corpos físicos e as vontades humanas. Entretanto, “a despeito da diferença radical que distingue os movimentos naturais dos movimentos livres e voluntários, a caridade tende para Deus, que é uma pessoa, enquanto o corpo tende para seu lugar natural, que é uma coisa” (GILSON, 2006, p. 262). Não amamos um ser humano como amamos uma coisa, pois amamos as coisas para nós, enquanto amamos as pessoas por si mesmas. Na medida em que se pode afirmar que um corpo ama seu lugar natural, pode-se afirmar que ele deseja o seu próprio bem, mas na medida em que o homem ama Deus, ele só pode querer o bem de Deus. De acordo com Al-

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

meida, lê-se que: O amor para com Deus é para a alma o início de sua justificação: se o amor progride, a justiça aumenta proporcionalmente. Se o amor se torna perfeito, a justiça da alma é perfeita.

O amor para com Deus integralmente realizado confunde-se com uma vida moral integralmente realizada. Um amor por Deus que chegou a seu ponto de perfeição preenche a alma inteira. Sendo assim, essa alma que está completamente preenchida iria fazer as coisas por pura caridade. Cada um dos seus atos sairia de um perfeito amor provindo de Deus, sendo que tudo que essa alma fosse fazer seria bom, de uma bondade infalível (ALMEIDA, 2014, p. 59).

Segundo Agostinho, o amor ao próximo (a caridade) será visto como a força motriz de toda socialização entre os seres humanos. Desse modo, o amor é o poder basilar da vontade que culmina na liberdade para Deus, o Supremo Bem. Esse amor direcionado aos homens, por causa de Deus, é a caridade. É pela caridade que Agostinho constrói uma ponte entre o homem individual e o homem social. Isso ocorre devido ao fato de que a realização do amor em Deus exige a realização do amor entre os homens. Por causa da caridade, o amor assume uma dimensão social, enquanto princípio de socialização do homem.

3. O AMOR É A NOÇÃO AGOSTINIANA DE ORDEM

Para a filosofia antiga, isto é, para os gregos, o mundo era inicialmente um imenso caos que, de algum modo, passou a ser cosmos. Quando temos acesso a obra dos pré-socráticos podemos perceber a sua preocupação em saber qual era o *arché*, o princípio do universo. Guiada por esta busca, toda filosofia grega procurou explicar esta questão. Porém, com Sócrates, a verdadeira filosofia deveria se voltar para a dimensão antropológica; seguindo este horizonte de reflexão, os pós-socráticos apresentam uma filosofia marcada por um viés mais ético. Todavia, mesmo com esta virada de perspectiva, foi o paradigma cosmológico que, sem dúvida, marcou a filosofia grega. Segundo Montagna:

Apesar da divergência, ficou a ideia da existência de um logos, uma razão universal responsável pela origem e manutenção da ordem cósmica. O homem, enquanto ser racional, está submisso a esta ordem e, ao mesmo tempo, ligado ao próprio logos, uma vez que traz em si uma centelha dele. Esta racionalidade o torna capaz de conhecer a ordem da natureza e de ter a independência de aceitá-la ou rejeitá-la. Decorre daí a noção de que a perfeição moral consiste na identificação da vontade com a reta ordem de natureza. Portanto, na visão clássica, a ideia de ordem tem duas faces: ontológica e outra ética (2009, p. 70).

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

O homem percebe o mundo como algo ordenado e se acha dentro dessa organização. Entretanto, o ser humano possui esse senso de ordem porque a carrega dentro de si: enquanto a obediência, através da razão, à ordem existente o faz feliz, a desobediência a essa ordem representa um sinal de irracionalidade e de desordem. Agostinho absorve essa noção de ordem e vai articulá-la aos pensamentos centrais da revelação cristã, tais como a compreensão de um Deus que é subsistente, criador de todas as coisas e, principalmente, do ser humano. Ou nas palavras de Almeida, “Com essa fusão, Santo Agostinho leva a ordem ontológica a sua perfeição e, ao mesmo tempo, ele leva a ordem ética ao seu pleno esclarecimento” (2014, p. 60).

O Deus criador de Agostinho é muito maior que o deus construtor, ou o demiurgo platônico, um deus menor, que depois de sua queda do mundo das ideias, constrói esse mundo como réplica do mundo ideal, ou seja, dá existência a um mundo de aparência, de caos. Ele também é diferente do deus plotiniano, do qual tudo procede e para o qual tudo se volta. O Deus da revelação judaico-cristã é superior pelo fato de fazer tudo surgir do nada, ele é o criador de todas as coisas. Deus faz o não-ser vir a ser, pois o que não existe vem a existir através da sua livre e suprema vontade. De acordo com Montagna: “Ele dá não só a existência a todas as criaturas, mas as dota também de uma lei interna e natural que as rege em harmonia com sua própria lei eterna. Neste ato, aquele que é o Ser e o Bem supremo comunica aos seres criados seu ser e sua bondade” (2009, p. 71).

De fato, a ontologia agostiniana está em um grau de superioridade em relação à ética, pois enquanto ela abrange um todo, a última está correlacionada ao homem. Com efeito, para Santo Agostinho, Deus é o fundamento último da ética humana. Frente a isso, fica nítido que a ordem ontológica é considerada o fundamento da ordem ética, pois até mesmo as leis que orientam as duas ordens derivam do mesmo Deus criador, como diz Almeida,

A moralidade se refere à manutenção ou perturbação da ordem natural. Devido ao fato da ordem ontológica aplicar-se a todas as criaturas, a ordem ética já é específica do ser humano, sendo que só ele tem a possibilidade e a capacidade de respeitar ou transgredir a lei natural e eterna (2014, p. 61).

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança e o dotou de uma vontade livre. A partir desta afirmação, é possível asseverar que a ética agostiniana é um presente de Deus ao homem, pois destaca que somente ele pode transgredir essa lei eterna cravada em si, e só mesmo o ser obediente, obedecerá a essa mesma lei existente em sua interioridade. É frente a esse contexto que Agostinho entende que o amor é a essência e o combustível da vida

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

humana. Para Agostinho, o homem vive inquieto não porque não é mais capaz de amar, mas porque ama desordenadamente. Já que amar faz parte da essência humana, não é limitando o amor que encontraremos a paz, mais sim o ordenando. Segundo Montagna,

Assim o homem amará ordenadamente se, julgando a apreciando todas com justiça, submeter os bens exteriores ao corpo, este, por sua vez, à alma, em seguida, na própria alma subordinar os sentidos à razão, e esta, em Deus: por conseguinte, quando a razão domina esses impulsos da alma, deve dizer-se que o homem está conformado segundo a norma da ordem (2009, p. 73).

A ordem do amor é a perfeita justiça “essa é a perfeita justiça, a qual nos leva amar mais o que vale mais e a amar menos o que vale menos” (AGOSTINHO, 2002, p. 65). O ser humano encontrará a paz quando ordenar seu amor. Amando de forma ordenada, o homem terá a felicidade e a paz; todavia, vale ressaltar que paz e felicidade, no pensamento agostiniano, se relacionam. Em Agostinho, o ser humano que é virtuoso ama a Deus não pelo fato de cumprir um mero dever, mas por desejar o Criador. Deus será então aquele que deve ser amado acima de todas as coisas. “O amor às outras coisas é posterior ao amor a Deus. A virtude do amor não apenas conduz o ser humano a amar de forma reta todas as coisas, mas também desperta e ordena o seu amor em direção ao Criador” (ALMEIDA, 2014, p. 62).

Quando Deus ordena o seu amor, a criatura encontrará a paz. Para o Doutor de Hipona, paz e felicidade se identificam, pois, amando com ordem, o homem tanto será feliz como também terá paz. Na ontologia agostiniana, o homem ama com ordem, ou seja, os seres amados por ele não podem ser colocados no lugar do amor Criador do próprio homem, que é o Sumo Bem. Ora, na medida em que amamos com ordem as criaturas, logo vemos que tudo que é criado por Deus nos direciona a amá-lo em primeiro lugar. “Assim a virtude do amor não apenas faz o homem amar retamente todas as coisas, mas também desperta e ordena o seu amor-desejo em direção a Deus” (MONTAGNA, 200, p. 75). O homem ama a Deus não através de uma ordem, mas porque ele o deseja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as épocas houve muitas contribuições para filosofia no que diz respeito a interpretações sobre a ética do amor em Agostinho. Seguindo esta perspectiva, este artigo visa, na medida de suas possibilidades, somar com a temática abordada e cooperar com a perspectiva da academia que é desenvolver o saber sem nunca deixar de buscá-lo. Diante disso, não temos a pretensão de fornecer nenhum tipo de resposta pronta, dogmática, en-

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

cerrada em si mesma; ao contrário, nosso intuito foi demonstrar que o amor é o meio primordial para a construção de uma sociedade verdadeiramente estruturada. Como foi apresentado, o amor é uma categoria fundamental para a ética do Doutor de Hipona, ou seja, a compreensão desse amor ético é a mola propulsora da filosofia agostiniana. Nesse horizonte de reflexão, a caridade aparece como a virtude primeira e será entendida como o fundamento de toda a vida ética; na verdade, ela é a essência de toda a eticidade.

Para Agostinho, ela constitui a alma de tudo, o centro de irradiação. Por isso, pode-se afirmar que é na caridade que o Bispo de Hipona coloca a medida da perfeição cristã, enquanto indica que o sentido da vida humana perpassa indissociavelmente pela compreensão do amor. Este é visto como o peso do coração que tem a capacidade de fazê-lo inclinar-se, em cada escolha que o indivíduo é impelido a fazer durante sua vida, para um lado ou para outro. Como o propósito desta busca é sempre o bem, o fim último de toda essa busca amorosa do ser humano é a felicidade, ou melhor, o desfrutar do bem supremo, que é acercar-se do próprio Deus.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. Manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística).

_____. **Confissões**. Tradução de Maria Luísa Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1996. (Coleção Patrística).

_____. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Coleção Vozes de Bolso).

_____. **O livre-arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).

ALMEIDA, Frederico Soares de. **O amor como elemento fundamental na ética de Santo Agostinho**. Pensar Revista Eletrônica da Faje. V. 5, nº 1, p. 55-64, 2014.

AMARAL, Roberto; SOUZA, Camila Cristina; PEREIRA, Crislene Silva. O tempo e a eternidade em Santo Agostinho. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas. Vale do Jequitinhonha, nº 2, ano I, p. 1-22, 2012.

ARENDT, Hannah. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Tradução de Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Introdução ao pensamento ético-político de Santo Agostinho**. São Paulo: Edições Loyola/ Boa Vista: Universidade Católica de Pernambuco, 2009.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros. Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso, 2006.

Michel Platinir Silva Damasceno; Eduardo Ferreira Chagas

GRACIOSO, Joel. **Interioridade e filosofia do espírito nas Confissões de Santo Agostinho**. São Paulo, 2010. 131f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo.

MONTAGNA, Leomar Antonio. **A ética como elemento harmonia social em Santo Agostinho**. 2ª ed. Sarandi: Humanitas Vivens, 2009.

PINCKAENS, Servais. **Em busca de Deus nas Confissões. Passeando com Santo Agostinho**. Tradução de Constância Maria Egrejas Morel. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SILVA, Ivan de Oliveira. Santo Agostinho. **O problema do mal**. São Paulo: Editora Pilares, 2008.